

O pós-guerra e os desafios do amanhã



A Conferência de Bretton Woods, em julho de 1944, traçou as linhas da economia do pós-guerra, tendo o dólar como eixo e instituições, como o FMI e Banco Mundial, na função de instrumentos

A consolidação dos Estados Unidos como superpotência nos anos posteriores ao conflito mundial está em crise, dando origem a um cenário multipolar, que projeta para um futuro não muito longínquo o surgimento de uma civilização planetária

Theotonio dos Santos*

A vitória aliada na Segunda Guerra Mundial encerrou um longo período de fracionamento do sistema geopolítico do planeta e inaugurou nova fase de integração. Entre 1914 e 1945, a economia mundial viveu uma fase marcada por fortes depressões econômicas e pequenas recuperações (1916-22, forte depressão; 1923-26, pequena recuperação; 1927, crise; 1928-29, falsa recuperação; 1929-36, fortíssima depressão; 1936-38, pequena recuperação que se es-

tendeu devido aos gastos militares até 1944-45, nos Estados Unidos).

Durante esta fase, marcada por duas guerras mundiais, disputou-se a hegemonia do planeta em substituição à decadente Inglaterra. Esta questão foi resolvida pela afirmação incontestável da nova hegemonia norte-americana.

Durante a Segunda Guerra emergiu também a União Soviética como alternativa ideológica e potência militar regional. Apesar de apresentada como alternativa ao sistema capitalista mundial, seu poder econômico era restrito e seu poder geopolítico somente regional.





Guardas holandeses e alemães serram a cancela da aduana, na fronteira entre os dois países, em 1º de janeiro de 1993, quando se consumou a Comunidade Européia

O nazi-fascismo, que se apresentara como alternativa ao liberalismo, foi derrotado depois de um fantástico auge durante os anos 30, até o começo dos anos 40.

Não se creia, contudo, que os Estados Unidos emergiram da Segunda Guerra Mundial como uma economia tipicamente liberal. Durante a Primeira Guerra, e particularmente na crise de 1929, o Estado se viu obrigado a intervir na economia em todos os países capitalistas. Esta intervenção aumentou drasticamente durante a Segunda Guerra Mundial e nunca mais retrocedeu (nem nos períodos de governos neoliberais, como o de Reagan).

A hegemonia norte-americana se fortaleceu não só pelo seu poder econômico, mas, sobretudo, devido à sua posição privilegiada durante a guerra. Seu território não foi atacado (exceto a base naval de Pearl Harbor) e seu poderio industrial foi elevado ao extremo durante os anos de conflito. No período do auge nazi-fascista, a democracia norte-americana atraiu os melhores cientistas da Alemanha e da Europa Central e iniciou projetos científicos e tecnológicos revolucionários, que deram às suas empresas o monopólio da economia mundial durante o pós-guerra.

Seu poder financeiro cresceu durante a guerra, quando o dólar se transformou em moeda universal, reforçado pela posse de cerca de 70% das reservas de ouro do mundo. As Forças Armadas norte-americanas saíram do confronto com mais de 150 bases militares em todo o mundo e orgulhosas de terem realizado a ocupação do Japão e de parte da Alemanha.

Bretton Woods: o começo – O encontro realizado em Bretton Woods, em 1944, consa-

grou a hegemonia norte-americana. O dólar transformou-se em moeda mundial ao estabelecer-se sua conversibilidade em ouro, a preço estável. Criaram-se o Banco Mundial (Bird) e o Fundo Monetário Internacional (FMI), dominados pelos Estados Unidos. O Acordo Geral de Tarifas e Comércio (Gatt), criado em 1947, fez predominar a concepção comercial livre-cambista (em termos, pois este país não se submeteu a nenhuma restrição livre-cambista) dos Estados Unidos, o maior mercado e o maior exportador mundial (detinha cerca de 45% das exportações de todo o globo).

Além disso, os norte-americanos criaram o Eximbank para financiar suas exportações, o Plano Marshall para dirigir a recuperação européia, o Ponto IV, programa criado para orientar sua ajuda aos países menos desenvolvidos e escoar seus excedentes agrícolas. As Nações Unidas, criadas sob clara influência norte-americana, consolidaram esta hegemonia incontestável.

Os Estados Unidos necessitavam de um inimigo para justificar a manutenção dos gastos militares e para unir ideologicamente seus aliados e suas novas áreas de influência. Stalin, que fora apresentado pela imprensa ocidental como o grande aliado democrata, passou a ser mostrado como um sanguinário ditador, que ameaçava os seus vizinhos e até o poder interno norte-americano. Os aliados comunistas se converteram em inimigos e foram expulsos dos parlamentos e dos governos de coalizão.

Em 1947, Stalin, que detivera os ímpetus revolucionários dos partidos comunistas pelo mundo afora e das organizações de resistência ao fascismo comandadas por eles, reverte sua posição e conclama à revolução universal. Dessa onda revolucionária emergem a revolução chinesa, as repúblicas populares na Europa, a resistência *vietcong* e coreana, além de movimentos derrotados em várias partes.

Aliados no Sul – Mas a Guerra Fria, que se deflagrou entre o campo capitalista e o campo socialista em formação, não impediu a negociação e a convergência em muitas situações. Os EUA e a URSS se aliavam, sobretudo, na tarefa de diminuir e até liquidar o poder colonial europeu no chamado Terceiro Mundo. Os Estados Unidos se propunham a suceder este poder como potência econômica protetora contra a ameaça comunista. A URSS só tinha como possibilidade o caminho revolucionário (democrático e anti-imperialista), aliando-se às burguesias nacionais ou às burocracias e classes médias locais, ou ao movimento camponês, quando este se fazia presente.

Mas os Estados emergentes no Terceiro Mundo não tardaram em afirmar sua independência sempre que podiam. A conferência de Bandung (Indonésia, 1955) reuniu as principais lideranças das novas potências pós-coloniais: Gamal Abdel Nasser, do Egito; Jawaharlal Nehru, da Índia; Sukarno, da Indonésia, Chu-en-Lai da China. Os quatro, aliados ao líder da Iugoslávia socialista, Josep Broz Tito, que foi um dos seus principais ideólogos, formaram a liderança desta conferência que postulou o *background* ideológico para o Movimento dos Não-Alinhados, que surgiu na década de 60 (ver artigo sobre a descolonização, a seguir).

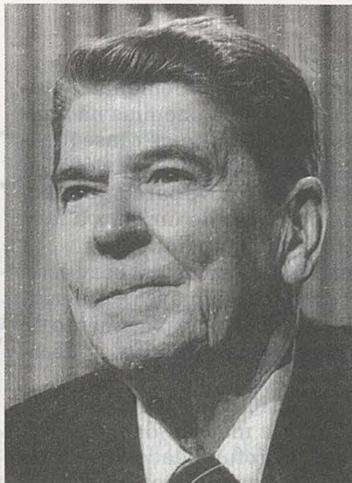
A experiência latino-americana mostrava as dificuldades de superar a condição colonial, mesmo quando a independência política é proclamada. O colonialismo se reproduzia, através da dependência econômica e da participação periférica numa economia mundial dominada pelas potências industriais. A Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (Unctad) nasceu desta constatação. Raul Prebisch, dirigente da Comissão Econômica para a América Latina (Cepal) formulou a tese da necessidade de uma união dos produtores de matérias-primas.

A Organização de Países Exportadores de Petróleo (Opep) foi talvez o exemplo mais refinado desta estratégia terceiro-mundista. A década de 70 foi marcada pela reação dos produtores de óleo cru, que pôs em xeque a estrutura industrial dos países centrais, baseada no uso extensivo e irresponsável de energia barata, apesar de não-renovável.

Rearticulação geopolítica mundial – Já na década de 50 a Europa e o Japão recuperavam-se dos danos da guerra. Durante as décadas de 60 e 70, se aliavam à recuperação destas economias o avanço econômico e tecnológico da URSS e a emergência dos países do Terceiro Mundo. Mas o fator mais profundo de rearticulação geopolítica mundial foi o próprio esgotamento do ciclo expansivo do pós-guerra, com o início de uma fase recessiva de longo prazo, a partir de 1967.

A crise do ciclo expansivo fez tremer a economia mundial. O dólar entrava em seu novo período de instabilidade, que levou ao fim da sua conversibilidade em ouro (1971) e o surgimento da serpente monetária. A própria noção de desenvolvimento econômico foi colocada em questão pelos amplos movimentos contestatórios de 1968. Surgia a anticultura, o anti-sistema, os movimentos das minorias étnicas e da emancipação da mulher, que aprofundavam esta contestação.

Por sua vez, o conflito do Vietnã mostrava o limite das guerras coloniais, já anunciado na



descolonização da Índia e da China, na guerra da Coreia, na derrota francesa na Indochina e na Argélia, na revolução cubana, etc.

A invasão da Tcheco-Eslováquia por tropas soviéticas, por outro lado, justificada na necessidade de conter o socialismo de face humana de Alexander Dubcek, anunciava o fim ao stalinismo como doutrina hegemônica no campo socialista (já debilitado pela desestalinização de Krushev, pelo conflito sino-soviético e pela revolução cultural chinesa).

A crise de 1973-75 foi somente agravada pelo aumento do preço do petróleo e a emergência da Opep como força política do Terceiro Mundo. A derrota dos Estados Unidos no Vietnã aprofundava este sentimento de que um novo mundo se anunciava.

A era Reagan-Thatcher – Não faltaram, contudo, as demonstrações de força contra-revolucionárias. A década de 80 foi dominada pela ofensiva de Reagan e Thatcher contra a poderosa ascensão destas forças contestatórias do sistema geopolítico do pós-guerra e suas projeções ideológicas.

A Guerra Fria era invocada em suas expressões mais extremas. A ela se juntou uma ofensiva ideológica em defesa do livre mercado, apoiada num retorno ao pensamento liberal dos séculos XVII e XVIII. O neoliberalismo, doutrina da volta à plena competitividade e ao equilíbrio macro-econômico como fatores de alocação de recursos e definição de prioridades, não podia ocultar contudo seu arcaísmo total.

Atrás dessas afirmações neoliberais veio a mais brutal intervenção estatal de toda a história: o aumento gigantesco do déficit fiscal norte-americano para financiar uma política industrial baseada no gasto militar, voltado sobretudo para a pesquisa de ponta (a chamada Guerra das Estrelas, grandes projetos de pesquisa ou "grande ciência", etc.) e na intimidação dos seus próprios aliados em todo o mundo.

O presidente dos EUA, Ronald Reagan, e a primeira-ministra inglesa, Margaret Thatcher, foram os grandes propagadores do neoliberalismo como receita para o Terceiro Mundo

Neste contexto, Japão e Alemanha aproveitam a sua condição de economias não-militarizadas para levar às últimas conseqüências a aplicação das inovações tecnológicas, que põem em marcha um novo paradigma tecnológico e científico, base de uma nova fase expansiva da economia mundial.

A zona do Pacífico é a principal beneficiária desta nova realidade, enquanto a América Latina e a África se afogam no pagamento de suas dívidas internacionais durante a "década perdida".

A resposta soviética a esta ofensiva foi surpreendente para a maioria das pessoas, que não entendiam a profundidade da crise do equilíbrio geopolítico, gerada no pós-guerra, que se inaugurara em 1967-68. A URSS se vê impossibilitada de competir com esta aventura militarista e parte para o desarmamento unilateral e a liquidação da Guerra Fria.

Esta foi a maior conquista da humanidade neste século e, possivelmente, o golpe mais profundo no capitalismo como sistema mundial. Certamente, foi um golpe definitivo na tentativa de restabelecer uma hegemonia mundial exclusiva norte-americana. Apesar das teorias que apresentam estes acontecimentos como a afirmação definitiva de um mundo unipolar dominado pelos Estados Unidos, eles antecipam o fim desta hegemonia, já em plena decadência desde os anos 70. O fim da Guerra Fria obrigou os Estados Unidos a retirar suas tropas da Europa e de parte da Ásia, permitiu o fim do projeto da guerra das estrelas. A resposta norte-americana a

esta situação foi a guerra do Golfo, que revelou os limites de uma guerra tecnológica limpa, a falta de recursos dos norte-americanos para financiá-la e encerrou a possibilidade dos Estados Unidos guerrearem com o dinheiro de seus aliados.

Respeito à diversidade humana - As cartas se embaralharam no cenário internacional. A crise financeira de 1990 a 1993-94 terminou de liquidar o sistema geopolítico posterior à Segunda Guerra.

Neste momento, armam-se os elementos de uma nova fase dos ciclos longos de Kondratiev. Estes ciclos ou ondas longas descobertos pelo célebre economista russo repetem-se em períodos de 50 anos, divididos numa fase (a) de 25 anos de crescimento e uma fase (b) de 25 anos de recessão ou crescimento moderado. A economia mundial deverá entrar numa nova fase de crescimento que se caracteriza, contudo, por importantes novidades. Em primeiro lugar, a incorporação e generalização de um novo paradigma tecno-científico - baseado na introdução maciça da automação na produção (via robotização) e em grande parte das rotinas do setor de serviços - anunciam um novo período de expansão da produção sem crescimento do trabalho produtivo.

Se for mantida a atual jornada de trabalho, a conseqüência será o crescente desemprego (que vem se aprofundando paralelamente ao crescimento econômico). A diminuição da jornada de trabalho é a única solução para esta revolução na produtividade. Ela levará, porém, à consolidação de uma sociedade onde o tempo livre ganhará uma dimensão fundamental na existência humana. Nesta sociedade, a miséria e a pobreza se converterão numa aberração inaceitável. Será necessário uma reorganização dramática das relações sociais em nível planetário.

Por outra parte, a ameaça de destruição dos equilíbrios básicos, que geraram e reproduziram a vida na Terra, obriga a uma concertação dos Estados mundiais numa base sólida de consenso. E a emergência dos fundamentalismos dos povos excluídos questiona, radicalmente, a possibilidade de fundar uma sociedade planetária com qualquer forma de etnocentrismo. Somente o pluralismo cultural e o respeito às diversidades humanas poderão assegurar a criação de uma civilização planetária.

Estas profundas mudanças no quadro institucional internacional e a afirmação das forças políticas e ideológicas capazes de implementá-las terão de ser o marco sobre o qual construiremos o futuro da humanidade. ■

Entre 2/4/93 e 9/4/95, o dólar perdeu 30% de seu valor frente ao iene, indicando a extensão das transformações econômicas que desenharam um novo panorama internacional para o próximo século



* Professor titular da Universidade Federal Fluminense